

# Usos e liminaridades dos espaços urbanos de lazer contemporâneos: o caso da Praia do Futuro\*\*

Uses and liminalities of urban spaces of contemporary leisure: the case of Praia do Futuro

Wellington Ricardo Nogueira Maciel\*

**RESUMO:** Este artigo analisa as redefinições de usos da Praia do Futuro a cargo dos novos espaços de lazer praiano localizados no trecho de orla ao leste da cidade de Fortaleza. Por um lado, argumenta-se que, semelhante a outros formatos de espaços urbanos que se proliferam na sociedade contemporânea, as barracas de praia acentuam aspectos de liminaridade entre experiências públicas e privadas associadas ao lazer. Por outro, mais que simples lugares de hedonismo, fruição ou “fuga do cotidiano” (URRY, 2001) elas podem ser vistas como palco onde o consumo de certos bens simbólicos traduz conflitos de usos em torno do ordenamento socioespacial. Dois desses complexos exemplificam bem os tempos em que mais a Praia é redefinida: a barraca Biruta, nos dias de shows e eventos e o complexo CrocoBeach, durante “o domingo na praia”. Além de serem os mais procurados, é sobre esses complexos de barracas que recai grande parte das disputas simbólicas acerca da redefinição da Praia como bem público.

**Palavras-chave:** usos, liminaridade, lazer praiano, Praia do Futuro.

## I ntrodução

Não são poucos os estudos cuja centralidade é conferida aos processos sociais de redefinição e marcação de lugares durante as práticas de lazer (BAUMAN, 2009; CANCLINI, 2008; CERTEAU, 2003; FEATHERSTONE,

(\*\*)Este artigo incorpora parte das discussões realizadas

2007; ZUKIN, 2000). A temática central é o espaço ocupado pelo lazer durante o consumo dos chamados bens simbólicos nas experiências das divisões sociais de hoje. A grande variedade de bens produzida e mobilizada neste início de século, associada ao deslocamento dos conflitos do “mundo da produção” às práticas de consumo, consiste noutro aspecto ressaltado (HARVEY, 2004).

Por conta da nova centralidade urbana representada pelos espaços de usos liminares, o tema do lazer aufere destaque nas pesquisas acadêmicas em ciências sociais, não só em razão da sua importância socioeconômica e cultural para as cidades contemporâneas, mas também e principalmente pelo fato de estar associado em grande parte à emergência da chamada sociedade de consumo e dos aspectos políticos a esta associados.

Do ponto de vista dos estudos urbanos, alguns espaços de consumo ocupam certa centralidade nas análises. A liminaridade parece ser a qualidade mais ressaltada deles. Mais do que uma categoria útil para explicar processos sociais atuais associados ao consumo, lembra Zukin (2000), ela consiste em chave metodológica para se realçar aspectos recorrentes desses novos espaços urbanos, além de possibilitar captar as dinâmicas de usos que eles favorecem na atualidade. *Shopping centers*, aeroportos, grandes empreendimentos turísticos, como *resorts*, áreas portuárias e centros históricos “revitalizados”, parques temáticos, como a Disneylândia, e centros culturais intensificam os aspectos de liminaridade.

O espaço incita e imita a ambiguidade. Os sítios específicos da cidade moderna são transformados em espaços liminares pós-modernos, que tanto falseiam como fazem a mediação entre natureza e artefato, uso público e valor privado, mercado global e lugar específico. Liminaridade, aqui, remete ao conceito de Victor Turner, subvertido por Jean-Christophe, que alterou o significado antropológico original de ‘transição de certos grupos’ (...) conferindo ao termo um novo significado social e cultural de ‘espaço transicional’. Nomear um espaço como ‘liminar’, contudo, não simplifica o fenômeno. Misturando funções e histórias, um espaço liminar situa o usuário a ‘meio caminho’ entre instituições (ZUKIN, 2000, p.82).

Caracterizados pela fluidez de suas fronteiras, mistura de usos e dificuldade de atribuir-lhes identidades espaciais definidas, são esses os novos espaços voltados para as residências, áreas históricas “revitalizadas” e lazer, aqueles

que mais são lembrados. O presente artigo pretende assim mostrar que as dinâmicas sócio-espaciais associadas ao lazer da Praia do Futuro, localizada ao leste de Fortaleza, reúnem muitas das qualidades conferidas aos espaços urbanos liminares típicos da sociedade contemporânea. Argumento que seus espaços de lazer podem ser tomados como locais de expressividade e contratualidade pública visto que redefinem o sentido jurídico de praia (“bem público de uso comum do povo”) consagrado na Constituição do Brasil de 1988 e em leis específicas (Lei nº 7.661, de 16 de maio de 1988/Lei de Gerenciamento Costeiro).

## Tempos e espaços do lazer praiano

A Praia do Futuro se encontra ao leste de Fortaleza, Capital do Estado do Ceará. Divide-se, do ponto de vista da administração municipal, em duas grandes áreas: Praia do Futuro I, que tem início nas proximidades dos bairros Mucuripe e Cais do Porto, indo até a rua Renato Braga, nas imediações do Clube dos Engenheiros; e a Praia do Futuro II, que segue desse trecho até o rio Cocó, na divisa com a Praia da Sabiaguaba, último trecho de orla ao leste da Cidade. Segundo dados do último censo do IBGE (2010), a Praia do Futuro I possui 6.630 habitantes, enquanto a Praia do Futuro II reúne 11.957 habitantes, totalizando em conjunto 18.587 moradores. Em dez anos a Praia do Futuro I obteve crescimento populacional de 127,29%, perdendo apenas para o bairro Dendê.

Considerada última faixa de praia a ser incorporada ao espaço urbano de Fortaleza na década de 1950, a Praia do Futuro surge na condição de loteamento de propriedade do empresário Antonio Valdir Diogo, que deu nome ao loteamento. Loteados, os terrenos na Beira-Mar, nas imediações do porto do Mucuripe até o estuário do rio Cocó, passaram então a ser cada vez mais valorizados em função de uma crescente divulgação de que existia uma área em Fortaleza que seria a “futura Barra da Tijuca do Ceará”<sup>1</sup>, referindo-se à Praia do Futuro. Estes fatores foram determinantes para um movimento imobiliário em Fortaleza em direção a essa zona.

A exemplo de outras áreas litorâneas desponta como periferia de zona portuária, constituindo-se aos poucos numa zona de usos liminares (residenciais e de lazer).

Próximo à zona portuária, instalaram-se as indústrias que necessitam dos serviços portuários, como os moinhos de trigo, o beneficiamento de pescado, a construção naval e o terminal petroleiro. Toda essa faixa litorânea

1 Cf. Jornal *O Povo*, de abril de 1968, “A avenida do futuro”.

está ocupada por bares, restaurantes e clubes, no plano mais alto, após a Avenida Zezé Diogo, e por barracas de bebidas e comidas na beira da praia. Os clubes ali instalados – de engenheiros, médicos, advogados, juristas e oficiais da polícia militar – foram edificadas em terrenos de praças, que deveriam servir a toda comunidade, mas foram doados, pelo poder municipal, a essas entidades (...) Com o prolongamento das avenidas Santos Dumont e Zezé Diogo e com a política habitacional que dirigiu os recursos do BNH para financiar casas para a classe média, estas áreas iniciaram um rápido processo de ocupação. (COSTA, 1988, p.143-144).

A Praia do Futuro passou então a figurar como espécie de zona de fuga da Cidade, local para onde se dirigia, inicialmente, nas décadas de 1960 e 1970, boa parte da elite fortalezense em busca de novos ares e áreas para opções de banho de mar e fruição. Era uma zona distante ainda a ser alcançada, possível apenas para aqueles que possuíam meios próprios para deslocamentos mais longos, já que ainda não existia oferta de linhas de ônibus para a Praia. A imagem de praia distante e inexplorada que passou a ser apontada como promessa de futuro urbano foi constituindo-se a representação mais difundida.

Atualmente a visibilidade alcançada dentro e fora da Cidade como “um dos maiores pontos de lazer”, “a praia da cidade” ou “a praia mais badalada” se tornou a imagem mais conhecida para moradores, visitantes, empresários e alguns atores públicos. É em decorrência, em grande parte, dessas imagens mais positivas que o trecho de praia é citado nos últimos anos em revistas nacionais e internacionais como único do tipo no Brasil a possuir grandes complexos de lazer para suporte das necessidades de moradores e turistas que a eles se dirigem.

Essa reviravolta de usos teve início em 1999, quando a Associação dos Empresários da Praia do Futuro e a Secretaria de Turismo do Estado do Ceará-SETUR lançaram o Projeto Turístico “Esta Praia Tem Futuro”, um convênio por meio do qual um conjunto de problemas deveria ser solucionado, como aspectos de infraestrutura, imagem e estruturas de barracas de praia (espécies de bares, restaurantes e casas de shows á beira-mar), com a finalidade de construir uma “praia de futuro”. Isso foi feito aproveitando as oportunidades de aumentar os lucros dos empreendimentos localizados na faixa de praia, favorecidas pelo aumento do fluxo nacional e internacional de turistas para a Cidade de Fortaleza (MACIEL, 2010).

Antes do Projeto Esta Praia Tem Futuro várias propostas de planejamento dos usos do lazer praiano foram tentadas. Cabe lembrá-las: Projeto Turístico

Atlântico Sul (1985), durante a gestão municipal de César Cals Neto, interrompida por falta de verbas; Operação Praia do Futuro (1987), posta em execução na administração de Maria Luiza. Também interrompida; Operação Praia do Futuro (1988), intervenção proposta por barraqueiros, Ministério Público Federal, Procuradoria Geral do Estado, Delegacia do Patrimônio da União e Prefeitura Municipal de Fortaleza. Apenas 1.600m de faixa de praia foram ordenados; gestão do prefeito Ciro Gomes (1989), continuação do ordenamento da faixa de praia da gestão anterior. Interrompida em 1990; gestão do prefeito Juraci Magalhães. O projeto foi paralisado por apresentar problemas ambientais (1992); na sua segunda gestão foi dado início às obras do calçadão, concluídas em 2000; e por fim o Projeto Esta Praia Tem Futuro (1999), um conjunto de ações realizado pela AEPF, SETUR, SEBRAE, MPF e PMF.

À revelia ou em sintonia com essas tentativas de planejamento, algumas barracas de praia passaram, nas últimas décadas, por uma diferenciação que tem resultado na redefinição do sentido jurídico comumente atribuído ao que se entende por praia (“bem público de uso comum do povo”, “espaço público”). Essa redefinição sócio-espacial é realizada mais intensamente por conta das barracas associadas à AEPF, denominadas aqui de barracas-complexos. Essas barracas possuem elementos mais demarcadores do que as barracas-artesaniais da “praia velha”, sua principal contraposição. As barracas-complexos (grandes espaços de lazer que reúnem serviços e arquiteturas diferenciadas) se diferenciam destas tanto do ponto de vista da arquitetura quanto no que se refere aos traços de estilização estética, aspectos valorizados atualmente pelas “cidades mercadorias” e pelo “*city marketing*” (HARVEY, 2004, ARANTES, 2000).

Uma primeira exigência que se impõe àqueles que observam esse formato do lazer organizado pelas barracas-complexos diz respeito a sua temporalidade, o ritmo no tempo de sua dinâmica socioespacial. Não é à toa que é nos dias mais badalados que são mais recorrentes as representações de caos e desorganização, quando ela é apropriada pelo Poder Público e pelos meios midiáticos. Essas imagens mais comuns elegem o trânsito do “domingo na praia”, o tipo de ocupação das barracas, a presença de vendedores ambulantes sem cadastro e o grande número de pessoas como os aspectos mais representativos.

Como bem sugeriu Elias (1998), o tempo e o espaço têm por função organizar e dar certa estabilidade ao fluxo constante e cambiante dos acontecimentos e de seus significados. Mesmo que estes escapem aos que lhes estão submetidos a estabilização momentânea proporcionada pela ordenação espacial do tempo possibilita que os significados das experiências e das escolhas mais

individuais sejam compartilhados como significados coletivos. Nesse sentido, tanto tempo quanto espaço participam da função conferida por Woodward (2007) aos “sistemas classificatórios”: ordenar a vida social.

Essa observação acerca da dimensão ordenadora do tempo e do espaço para a vida social tem intensas implicações para a interpretação das práticas de lazer ordenadas pelas barracas-complexos. A praia, divulgada como moderna e turística, é um palco onde encaixes, desencaixes (GIDDENS, 1991) e reencaixes têm lugar. Nela prevalecem os jogos de fronteiras e “guerra de lugares” (ARANTES NETO, 2000) em que tempos e espaços mais concretos são inventados, afirmados e contestados.

Esses jogos de fronteira parecem assumir papel importante na estruturação de contratos, conflitos e posições em relação ao lazer da Praia do Futuro. Caldeira (2003) e Bauman (2009), ao estudarem as transformações do espaço público na sociedade contemporânea, sugerem que a definição do que hoje é tido por “publicamente valioso” (CANCLINI, 2008) passa pela experiência social do espaço urbano. Esse vê o crescimento e a proliferação dos “enclaves fortificados” (CALDEIRA, 2003) voltados para fornecer aos seus usuários principais (moradores de áreas residenciais de luxo, mas também, como observou Gondim (2007), turistas que frequentam áreas históricas “revitalizadas” e espaços urbanos de lazer) um sentido de lugar seguro e estável numa sociedade caracterizada pela rápida compressão tempo-espaço.

As consequências mais imediatas dessas mudanças urbanas revelam-se na forma como as interações mais cotidianas se estruturam na cidade. Medidas de segurança, como instalações de equipamentos e câmeras para monitoramento das áreas de influência dos enclaves, segurança particular e policiamento ostensivo, combinam-se como os novos formatos da arquitetura e do urbanismo “pós-moderno”, onde predominam *designers* e materiais que, ao mesmo tempo em que sugerem transparência e unidade entre experiências sociais públicas e privadas, revelam formas sutis de separar e isolar usuários apontados como perigosos e sujeitos.

Para tratar dos aspectos de redefinição socioespacial da Praia do Futuro analiso dois dos seus mais representativos espaços do lazer praiano: o “Biruta” (nos dias de *shows* e eventos) e o “CrocoBeach” (no “domingo na praia”). As suas dinâmicas socioespaciais durante esses *tempos da praia* revelam conflitos de usos e apropriações que intensificam os aspectos de liminaridade entre praia e barraca.

## Uma praia biruta

A realização de shows e eventos na Biruta e em outras barracas, devido ao seu aspecto de liminaridade, sempre encontrou, do lado do Poder Público, uma posição ambígua, ora parecendo representar, aos olhos deste, privatização da praia, ora uma dinâmica juridicamente legal. Em 1996 e 1999, a Delegacia do Patrimônio da União no Ceará instituiu (representado pelo delegado José Feitosa Dantas), a pedido do Ministério Público Federal, medidas para controlar os eventos realizados nas barracas da Praia, válidas até hoje.

No Ofício N°029/96/GAB/DPU/CE, de 1996, são observados os seguintes aspectos de tempo e espaço das barracas e de suas dinâmicas durante a realização de eventos: 1) estão localizadas sobre “terreno da União”; 2) “As barracas que costumam realizar os *eventos fechados por cercas provisórias* (basicamente as barracas Biruta, Chico do Caranguejo e Subindo ao Céu) estão inscritas nesta Delegacia como ocupantes de terreno de marinha pelo que recolhem uma taxa de ocupação anual correspondente a 5% do valor venal do terreno que ocupem”<sup>2</sup>; 3) “A área sobre a qual as barracas recolhem taxa de ocupação é *anterior a área construída*, incluindo, geralmente, a parte ocupada por cadeiras de praia, pátio de manobras etc”. 4) “Não há, na legislação de ocupação nenhum dispositivo proibindo cercar, murar ou restringir qualquer forma de acesso de pessoas à área inscrita”.

O documento considera que, mesmo em se tratando de uma ocupação em “regime especial”, a ausência de legislação específica não impede que o “ocupante da praia” atenda a “outras posturas” (leis municipais, estaduais etc) “que o obriguem a manter livre o acesso à praia ou *manter aberto determinado espaço*”. Durante esses eventos é facultada, ao barraqueiro, a cobrança de ingressos já que, “ao que parece, a cerca provisória que eles instalam durante esses shows é uma forma de cobrar a entrada”. “Acreditamos, mas não tenho conhecimento, que alguma norma municipal proíba cercar a praia, vedando-lhe o acesso, mas *o tipo de tapagem em discussão, por ser temporária e restrita as áreas inscritas, é difícil de ser enquadrada em qualquer dispositivo*”. O ofício finaliza lembrando que “em *circunstâncias ocasionais* (...) não há nenhuma violação de norma legal em restringir-se o acesso de pessoas a determinado espaço para entrarem somente aqueles que pagarem ingresso”. [Os grifos são meus].

No Ofício N°038/99/GAB/DPU/CE, de 1999, algumas modificações podem ser observadas em relação às determinações de 1996. A ênfase, então, é conferida à responsabilidade pela fiscalização e à nomenclatura do tipo de uso em foco. A ocupação deve atender às exigências da “permissão de

2 É importante observar que uma das alegações atuais dos empresários da AEPF em sua defesa judicial diante das denúncias de privatização da praia contidas na Ação Civil Pública de 2005 consiste em afirmar que o então delegado do patrimônio da União à época, Sr. José Dantas, emitiu, por conta própria, licenças de ocupação em troca de favores econômicos.

uso”. É dito que em “eventos de curta duração” esse dispositivo deve ser acionado. A “competência” para concedê-lo é facultada aos “titulares” das delegacias do Patrimônio da União nos Estados. Em algumas situações, essa competência pode ser assumida pelos municípios. Por fim, emite a seguinte observação final acerca da frequência com que os eventos passaram a ocorrer durante à noite nas barracas:

Eventualmente tem havido solicitações para fechamento de áreas ao redor das barracas durante o horário noturno. Vale a pena salientar que nessas ocasiões o ingresso cobrado refere-se apenas ao show oferecido e não ao trânsito através do terreno da União. A autorização para tal costuma ser deferida por esta DPU, desde que o fechamento ocorra em intervalos de doze horas e em uma área inferior a um hectare que pode ser facilmente contornada por quem deseje ter acesso à praia ou ao mar à noite.

A dinâmica da barraca Biruta fornece indícios importantes das dificuldades enfrentadas pela Delegacia do Patrimônio da União em normatizar os usos da Praia. Nos dias da semana em que não há grandes eventos e *shows* o Biruta parece ser irreconhecível: como não abre diurnamente, não há movimento de pessoas na barraca, apenas aquelas que se deslocam de um lugar a outro nas *areias* ou no calçadão da Praia; nesses momentos o Biruta não é o destino; é passagem. O primeiro contraste que se pode estabelecer entre esse Biruta e as demais barracas que funcionam diurnamente é este: não há palhoças, apenas areia. Não há nada que identifique o Biruta nesses dias como uma barraca, a não ser a edificação. Um detalhe, porém, chama a atenção: a existência de uma calçada, um pouco acima do nível da areia da Praia; há momentos em que aí acontece algo que empresta ao Biruta sua feição mais conhecida na Cidade e fora dela: a de barraca dos grandes *shows* e eventos na Praia.

A primeira constatação que se faz da dinâmica da Biruta diz respeito ao seu formato arquitetônico e a maneira como ele se distribui na Praia. Na verdade, nada lembra uma barraca-complexo mais comum. O certo é que não é possível, à primeira vista, deduzir suas lógicas, observando outros complexos de barracas. Ao contrário, sua lógica é a da exceção. Senão vejamos.

A configuração do Biruta obedece a uma temporalidade socioespacial única em relação às demais barracas. Durante o dia em que mais estas se realizam (o “domingo na praia”), o Biruta está fechado. É durante esse tempo, quando predominam, quase o ano todo o sol a pique, o banho de mar e o consumo de alimentos, bebidas e serviços, que se intensificam os usos do lazer e as

representações de desordem e caos. Ali, é nas sextas e sábados que ele recebe seus usuários. E é no horário noturno, não durante o dia de sol, que ele se transforma no Biruta das festas e badalações mais conhecido.

Levando em conta essa configuração espacial, a segunda observação deve ser assinalada. Nas areias de influência do Biruta, durante boa parte dos dias da semana, não há nenhuma estrutura ou qualquer equipamento de lazer ou instalações de palha, como são chamadas as palhoças, utilizadas para descanso e permanência dos banhistas nas *areias*. Apenas uma estrutura em alvenaria, com salão de dança e outras dependências, além de algumas estacas nas areias caracterizam esse Biruta tranqüilo.

Segundo o Sr. Fernando<sup>3</sup>, proprietário da Biruta, a barraca foi adquirida em 1990 por ocasião da necessidade de preparar festas mais bem organizadas. Em entrevista, me revelou que antes elas eram fechadas, esporádicas e informais, reunindo apenas amigos e conhecidos. Inaugurou a Biruta então com a produção de festas privadas a pedido de amigos que o procuravam para comemorar datas importantes para estes, como aniversários ou casamentos. Com a badalação das festas, em grande parte decorrentes do tipo de música nela tocada, o público se ampliou e se diversificou, não se restringido mais ao círculo de amigos e conhecidos do proprietário.

Antes de abrir o Biruta, Fernando trabalhou alguns meses, nos anos 1980, no Barastral, também na Praia do Futuro. Após desentendimentos com o proprietário sobre a sua substituição por outros DJ's com melhor aparelhagem e repertório musical, ele resolveu procurar um local onde pudesse dar continuidade às festas:

Achamos o Biruta. Era bem pequenininho. Era só aquela primeira sala ali. Já tinha o nome de Biruta e a gente gostou do nome. E começamos a fazer uma reforma. Era de taipa. A gente derrubou. Fizemos as paredes de tijolos e a taipa serviu de aterro porque era lá na altura da areia.

Apesar da mudança de local, uma marca permaneceu: as festas continuaram sendo realizadas às sextas e aos sábados. Fernando me revelou traços das dinâmicas que as transformações do seu público ocasionaram sobre a configuração de sua barraca. No início não havia, segundo revela, nenhuma restrição de acesso de pessoas, apenas no que dizia respeito ao consumo de bebidas no bar da barraca. Com a badalação alguns conflitos envolvendo a Biruta e vendedores ambulantes foram se estabelecendo.

3 Entrevista a mim concedida por Fernando, proprietário do Biruta, em 13/03/2010.

A partir de um mês de festa o local começou a lotar. E agente começou a se preocupar um pouco porque tava vindo gente de mais. A gente não tinha controle e as vendas começaram a cair porque começou a aparecer ambulante. *Como era aberto* a galera bebia lá e vinha dançar aqui. Agente viu que a nossa receita tava caindo. *E aí resolvemos cercar*. Isso até o calçadão. Na parte da *areia* não tinha nada. No início a gente começou aqui no Biruta à noite e depois o pessoal começou a pedir pra abrir diurnamente.

A receita financeira da barraca inicialmente provinha apenas dos serviços de bar, com a venda de bebidas e de pequenos petiscos e tira-gostos. Até 2004, a Biruta, como as demais barracas, passou a abrir diurnamente, além dos dias tradicionais das festas. Com a proliferação de vendedores ambulantes competindo com a barraca, a solução encontrada foi cercá-la, denotando uma “guerra de lugares” (ARANTES NETO, 2000).

A passagem da praia aberta à praia fechada, como sugere sua fala, resultou da interdependência dos atores que passavam a estabelecer posições em torno da Biruta, como os vendedores ambulantes e mais tarde o próprio Patrimônio da União.

Lá fora é um mercado imenso de ambulantes, que não tem controle da Prefeitura. Você sabe que vendedor ambulante é proibido de vender bebida alcoólica. Aí agente se viu meio que...Ou agente cerca ou vamo quebrar. Nos cercamos (..) Porque eles começaram a trazer caixa de isopor com dez cervejas, dez refrigerantes, água. Quer dizer, cento e vinte ambulante ao redor da minha barraca dava mais prejuízo do que a barraca aqui vizinha. Ou seja, *era como se fosse uma barraca, uma cooperativa de ambulantes que somava mais que a barraca vizinha sugando tudo*. Aí a praia começou a vender quentinha... Resolvemos cercar. Aí apareceram várias entidades, gente reclamando que tava privatizando a praia. Mas como era apenas temporariamente...Agente colocava de noite e de manhã não tinha mais nada. Agente conseguiu a autorização com o Delegado do Patrimônio da União. Antes disso agente ainda funcionou durante cinco anos de graça, aberto.

A dinâmica entre praia aberta e praia fechada se justificava pelo tipo de festa e tamanho do público da Biruta, mas também em função de separar os vendedores ambulantes. Desde a criação da barraca, ocorriam as chamadas “festas normais”, que envolviam apenas atrações locais como bandas de *pop rock*, *reggae*, *blues* e *disk music* atraindo apenas um público mais fiel. Durante as festas normais, não se cobravam ingressos, já que a barraca era aberta. Ele lembra que, durante a vigência unicamente dessa festa, apenas em duas ocasiões, teve que fechar a barraca. Isso se deu em duas apresentações da banda de Recife, Nação Zumbi, no ano de 2004.

A “festa normal”, mais tradicional, passou a acontecer todas as sextas-feiras, sendo caracterizada por Fernando como a “festa mais simples”. Não tendo grande produção, o Biruta criou um “estilo livre” nas festas normais, em que o predominante é a mistura de estilos e gostos musicais. O público que a frequenta é “mais descolado de cabeça aberta, que não gosta de axé e nem de pagode”, lembra.

O crescimento e consolidação da “festa normal”, que chegava a reunir cerca de duas mil pessoas, se deram paralelamente ao fechamento da barraca, tanto no sentido de ser cobrado a partir de então ingresso para entrar em suas dependência, que também cresceram, quanto no sentido de sua temporalidade: a Biruta se tornou uma barraca noturna.

Em decorrência do aumento do público e da concorrência, um outro movimento passou a caracterizar a barraca: ela teve que se expandir. Por volta de 2005, isso se deu com a barraca fechada durante o dia, em virtude do assédio dos vendedores ambulantes, o que resultou na retirada das palhoças da área de praia.

Eu continuei com as festas normais e comecei a terceirizar, né? Terceirizava a luz, o som. Eu tinha o som mais era pequeno. A festa cresceu tanto que eu tive que sonorizar os outros ambientes, né? pra não ficar localizado num canto só. E aí a Biruta foi crescendo, crescendo. Teve uma época que começou a aparecer os concorrentes, né? ‘Casa do Farol’, o ‘Mucuripe Club’...porque aí deu uma baixada no Biruta. E em 2004 agente fechou a Biruta de dia. Agente resolveu não abrir mais de dia porque tinha caído o número de pessoas que freqüentava o Biruta. Começaram a ir pro ‘Cuca Legal’, pra ‘CrocoBeach’ e pra ‘Vira Verão’ [barracas-complexos da ‘praia nova’]. Aí nós resolvemos: ‘vamo fechar a praia’. Fechar que eu digo,

encerrar as atividades de atendimento diurnas e ficar só com a noite. Aí eu botei todos os meus funcionários pra fora (...) Até 2004 funcionou como as outras barracas, diurna e à noite. Na época que a festa normal era bombada agente contratava bastante artistas locais, né? porque tinha grana. Quando caiu mais o movimento da festa normal aí agente começou a não contratar mais. Mas deu bem porque começaram a contratar mais a Biruta.

Fernando lembra da concorrência que outra barraca – a Opção Futuro, também se localizada na Praia – passou a exercer sobre a Biruta.

Você sabe que a gente foi pioneiro nisso, de fazer festa na Praia. A gente começou a fazer show depois as outras barracas começaram a fazer. Aí sempre eles [os produtores de eventos] botavam o pé aqui e lá. Mas lá nos outros lugares nunca dava certo, né? Teve uma época que eles eram praticamente sócios da Opção Futuro, que teve um auge, mas não passou de dois, três anos. Morreu. Eu acho que isso se dá não é por conta do lugar...tem que ter um pouco de sangue, suor, amigos ao redor, sabe? Não é só você ter um lugar lindo e maravilhoso, botar uma banda ali. O primeiro vai ser bom. Com o tempo não tem mais aquela graça. Se você trazer um show pra Biruta as pessoas ainda tem vontade de vir porque eles têm certeza que esse evento vai ser bom. Os caras vem sempre com muita vontade. Então, as coisas estão sempre indo e voltando como essa da Opção Futuro, né?

Após a Opção Futuro, outras barracas passaram a competir com a Biruta na produção de festas na Praia, intensificando a rede de interdependências do Biruta com outros atores. Essa competição resultou no surgimento de *outras* praias.

Eu vou te falar. É...antes da Biruta a barraca que passou mais tempo em evidência foi a ‘Subindo ao Céu’. Não sei se você pegou. Eles passaram seis, sete anos em evidência. A Biruta passou treze, quatorze anos em evidência. Quer dizer quase o dobro do que passou o segundo lugar, o Subindo ao Céu. Antes disso as barracas passavam dois anos aí o pessoal mudava de pico, né? Entre elas passou ‘Chico do Caranguejo’, ‘O Mendes’, ‘O Quente’. Tinha uma barraca ali que hoje é um hotel, antes era um motel,

ali em frente a CrocoBeach. Muito antigamente logo quando fizeram a primeira....na época da Maria Luiza...a primeira urbanização. Lá tinha uma barraca também que dava muita gente. Os picos não demoravam dois, três anos. Mudava pra outra barraca. O Biruta demorou treze anos pra isso acontecer. E porque que aconteceu? Devido ter muita gente. Você sabe que gente chama mais gente e mais gente chama mais ambulante. O que foi que aconteceu? Começou uma invasão grande de ambulantes. Eles ocupavam minhas mesas, cadeiras. Eles fizeram uma máfia com meus garçons porque eles davam mais dinheiro ao garçom se vendesse o coco deles do que o meu, entendeu? 'Vende que tu vai ganhar mais'. Você tá na praia, tá no lazer, vem uma pessoa toda hora te cutucando: 'quer coco, quer bronzeador, quer no sei o quê'. Era uma concorrência louca. Então todo mundo era perturbado. Então, os melhores clientes daqueles que gastavam mais e aqueles que queriam ser menos incomodados começaram a se afastar do Biruta. 'Não, eu vou pra uma praia mais calma porque aqui virou um mercado de ambulantes'. Aí começaram a ir pra outras praias. Foram ficando só o quê? os surfistas, que gostavam do som, mas que só bebiam água de coco. Então o meu faturamento foi lá pra baixo.

Esse novo momento da dinâmica da Biruta, da praia expandida, teve papel importante desempenhado pelas grandes empresas de entretenimento, como a D&E Entretenimentos, a 77 Eventos e a Aplausos Produções. Com o fechamento da barraca durante o dia e funcionando apenas durante as noites das sextas e sábados, a Biruta passou por momentos difíceis, quase encerrando suas atividades, já que houve grande queda no faturamento.

Ele me revelou que, para tal não acontecer, chegou a recorrer a algum tipo de fiscalização para retirar o que para Fernando era a principal causa das mudanças na configuração da barraca: os vendedores ambulantes.

Os ambulantes são como se fossem parasitas. Você tem um corpo saudável, que tá crescendo e aí eles vêm sugando tudo. Aí mais pra nós aqui em *off*...Teve um momento que até os meus próprios garçons preferiam vender a cerveja do meu vizinho que era mais barata e cobravam aos meus clientes o preço da caixa. Quer dizer, os clientes tudo bebendo cerveja, o vizinho botando dinheiro no bolso,

os garçons botando dinheiro no bolso... É claro que isso também tem a ver com a minha administração. Eu não sou barraqueiro. Meu ramo é produção. Aí deu pra eu agüentar até aí. Eu não sou muito ligado em fiscalizar. Por exemplo. Na CrocoBeach se você entrar...um amigo meu foi entrar com uma bicicleta, foram empurrando a bicicleta. O cara não deixou. Quer dizer, totalmente contra a lei, né? Você passa na praia do jeito que você quiser. Passar você pode. Eles não deixam nem o ambulante passar. Só que realmente o que tinha que ter era uma fiscalização porque ambulante vem do verbo ambular, ou seja, significa andar. Então se os ambulantes fossem sempre andando...só que eles se fixavam e isso foi o problema. Era uma guerra aqui, uma guerra mesmo.

## “Esta é a sua praia”: o complexo Crocobeach

Ao se observar a distribuição espacial da CrocoBeach na Praia, é possível assinalar, de imediato, a especificidade que sua configuração representa em relação ao Biruta e às demais barracas-complexos: sua grandiosidade. Nos últimos anos<sup>4</sup>, a CrocoBeach cresceu mais que cada uma das barracas da Praia do Futuro. Esse fato constitui uma das principais acusações presentes na Ação Civil Pública de 2005. Segundo o que nela consta, o complexo excede atualmente em 6.318,15 m<sup>2</sup> a área de uso permitida pelo Patrimônio da União. Apenas seis barracas-complexos se aproximam dessa marca: “Estação do Sol” (4.281,39 m<sup>2</sup>), “Marinho’s Beach” (4.929,23 m<sup>2</sup>), “Itapariká” (4.075,58 m<sup>2</sup>), “Castelo Beach” (5.155,35 m<sup>2</sup>), “Arpão” (5.267,25 m<sup>2</sup>) e “Paraíso Ecológico” (4.568,80 m<sup>2</sup>).

Ao percorrer e descrever o Complexo, é possível assinalar seus espaços e lógicas internas. Nas observações que fiz, registrei prioritariamente os aspectos qualitativos de crescimento da CrocoBeach, atentando para a arquitetura, os espaços que mais lembram àqueles típicos do “pós-modernismo urbano” (ARANTES, 2001)

Como as demais barracas não é comum localizar a CrocoBeach pela referência a um endereço mais impessoal<sup>5</sup>. Na Praia do Futuro, vai-se a uma ou outra barraca pelas características de ornamentação destas e pelo público. Na entrada da CrocoBeach, o visitante ou morador de Fortaleza depara uma identificação em tom imperativo: “Esta é a sua praia”. Um grande mapa informativo cercado por plantas permite situar o usuário em relação ao complexo. Antes de descobrir “esta praia”, o mesmo observador pode avistar

4 As informações sobre tamanho e crescimento das barracas-complexos foram colhidas junto à Ação Civil Pública de 2005 nº 79/95 Ref. PA nº 15.000.000416/2005-18. Segundo a mesma Ação, o período que mais as barracas-complexos cresceram corresponde ao intervalo dos anos de 2003 e 2005, algo que se intensificou nos últimos anos. Entre as principais acusações aos mais de 150 empreendimentos de barracas de praia feitas pelo Ministério Público Federal estão: crescimento em tamanho para áreas consideradas públicas, fechamento/privatização de trechos da praia e ocupação sem a permissão de uso.

5 O endereço comercial do complexo consta na página eletrônica da seguinte forma: “Calçadão – Avenida Zezé Diogo, 3125”.

à direita a Praça CrocoBeach, que consiste numa pequena área verde onde não consta nenhum equipamento para permanência, como é comum nas praças de Fortaleza.

Ainda na entrada deste “enclave urbano” (CALDEIRA, 2004), cercas e dezenas de árvores contornando a CrocoBeach impossibilitam o observador de ter uma visão de conjunto do complexo desde esse ponto. Ao entrar, logo avista uma “área de preservação ecológica”, dividida por ambos os lados da trilha que conduz o usuário às principais dependências da barraca.

A CrocoBeach está dividida por vários setores voltados para a oferta de produtos e serviços que mais são associados às barracas-complexos. Uma agência de viagens e uma loja recebem o frequentador logo na entrada. É preciso realizar um pequeno desvio ou à direita ou à esquerda se este não quiser permanecer nesses espaços. Na loja, é possível encontrar produtos de moda e banho mais típicos das áreas de praia, como sungas, maiôs, biquínis, sombreiros e roupas leves. Na agência, o usuário pode comprar passagens para outros “destinos praianos” no estado do Ceará. A viagem liga diretamente a CrocoBeach ao lugar escolhido.

Nesse espaço, além da loja e da agência, há também uma produtora de áudio e vídeo, que permite ao usuário que desembolsar em torno de R\$ 150 a R\$ 250 ter seu dia “na praia” registrado e editado. Todos os momentos no complexo são filmados, fotografados e reunidos no formato de um documento. Ao lado desta produtora, constam um salão de beleza e a segunda loja, essa mais dedicada às bijuterias. Há ainda uma sorveteria, uma sala de massagem e um *cyber* café, além de um banheiro exclusivo aos usuários desses espaços. No “domingo na praia”, esses espaços permanecem sempre muito concorridos.

Saindo desse centro comercial e dirigindo-se pela trilha após a área de preservação, um lago contendo peixes de espécies raras ornamenta a vista que se tem a partir de uma pequena passarela separando a primeira área do complexo da segunda, mais caracterizada por espaços de permanência, principalmente os dedicados a alimentação e vestiários. Além do lago, uma “fonte dos desejos” cercada por vegetação chama a atenção do observador.

No segundo “setor”, mais central, é possível assinalar algumas lógicas específicas, levando em conta as características e funcionalidade de cada espaço. Nele constam: um centro de culinária (o que corresponde à cozinha nas demais barracas-complexos ou mesmo nas barracas-artesanais), ocupando grande área. Acoplados a esse centro duas grandes caixas (I e II) se encarregam da maioria dos pagamentos de serviços e produtos consumidos

pelos clientes. Colado a eles, o “Âncora Bar” permite o consumo de bebidas servidas rapidamente. Finalizando essa área, um grandioso e equipado “WC” (masculino, infantil e feminino) completa o cenário.

Essa área possui uma função operacional no interior do Complexo: é por ela que todas as estratégias da empresa são coordenadas, tanto no que diz respeito à saída de produtos e serviços como a entrada de receitas. É por ela também onde os cuidados com alimentação e higiene do corpo são realizados. Pode-se dizer ainda que é nesse setor da barraca que os usuários satisfazem as necessidades mais materiais.

À esquerda desse setor, outro (coberto) desponta, cujos aspectos de organização sugerem um lugar mais reservado, dedicado à fruição e ao descanso. É comum encontrar pessoas lendo ou descansando em espreguiçadeiras e redes sofisticadas e bordadas. Há ainda nele um “espaço vip” (com capacidade para 80 lugares), um bar, o “Estibordo Bar”, onde constam cadeiras em madeira amplas e estilizadas em verniz. No bar, bebidas quentes e coquetéis restringem o rol de opções aos frequentadores mais seletivos dispostos a consumir produtos mais elaborados e raros.

Ao lado do “Espaço Vip” o “Solarium Vip” (com capacidade para 200 pessoas) recebe um público mais disposto ao banho de sol, cujos raios são mais bloqueados por conta das árvores que possibilitam trechos de sombra. Ali não é regra a exposição ao sol. Algumas cordas separam esse lugar dos demais. Ao lado do “Solarium Vip”, duas piscinas (o “Parque Aquático Crocodilo”) encerram os equipamentos disponíveis no complexo por esse lado. Para encerrar esse lugar, o terceiro caixa está disposto nas areias.

Do lado direito da área mais central e operacional, está o “Espaço Beats”, destinado à realização de *shows* e eventos com capacidade para 800 lugares. Esse espaço assemelha-se àqueles mais restritos do Biruta. É nesse setor onde ocorrem, as terças do humor<sup>6</sup>, com humoristas cearenses e as quintas do caranguejo. Desde 2007, esse setor foi batizado com o nome de “Espaço Késia” em memória da contadora da banda Marajazz, contratada para apresentações às terças, quintas e domingos. Ao lado desse espaço “Leme bar e Churrasqueira” completa o espaço.

Uma área intermediária localizada entre a segunda, mais logística e operacional, e a área de praia, reúne, dentro dos padrões do complexo, características mistas, atraindo um público mais homogêneo em termos de renda e estilo. Nela há tanto aspectos dos espaços mais operacionais, como uma minicozinha e uma área para *self-service* (o “Proa Bar”), quanto

6 Esse dia ainda não se firmou, em termos de dinâmica socioespacial, no calendário da Praia, já que a apresentação de humoristas faz parte também da programação da “quinta”, mais tradicional.

áreas para descanso (“Solarium Jangada”, para 200 pessoas) e higiene (chuveiros livres). Por esse caráter intermediário, essa área é a que mais recebe monitoramento por parte dos dispositivos de câmeras de vigilância, bem como dos seguranças privados da barraca. É nele também onde existem mais cercas de cordas, que sugerem traços de separação e restrição no que concerne à área de praia.

Por entre as áreas de praia, estão distribuídos os quiosques (embora similares, são mais sofisticados quando comparados às palhoças da maioria das barracas-complexos e das barracas-artesanais). Os quiosques estão nas areias após um resistente piso em madeira suspenso cerca de 30 a 50 centímetros. Esse piso leva a um palco fincado nas areias onde acontecem apresentações de artistas locais, como bandas de axé e *pop rock*.

Nesse setor, duas grandes áreas são identificadas: a “Praça do Sol Nascente”, com capacidade para 500 lugares, e a “Praça do Sol Poente”, comportando até 800 lugares. Diferentemente dos outros setores, aí é onde predomina maior heterogeneidade do público da CrocoBeach. É uma área menos formal e restrita, já que recebe no “domingo na praia” um público maior, o que atrai por conta disso uma grande quantidade de vendedores ambulantes.

Nessas praças, os contatos e trocas entre atores mais distantes do ponto de vista de sua localização social, no que diz respeito aos aspectos de renda, origem e cor, são mais acentuados. A maneira como se está na praia aí é caracterizada pela descontração e informalidade dos trajés e comportamentos, embora possa se inferir que, pela qualidade das vestimentas utilizadas, haja uma seleção conforme a renda no consumo desses bens.

Na entrevista que realizei com o gerente comercial da CrocoBeach<sup>7</sup>, alguns traços dessa seleção de público do complexo por entre seus setores pôde melhor ser assinalada. Explorei em sua fala os aspectos que mais me interessavam ao tratar da CrocoBeach: seus traços de crescimento, distinção, divisão espacial e empresariamento.

Em uma das perguntas sobre o crescimento da CrocoBeach, o gerente assinalou algumas divisões que foram se impondo à dinâmica da Praia pelos grandes complexos. A oposição às barracas-artesanais é tomada como principal contraponto para a construção simbólica do lugar das barracas-complexos no lazer praiano.

A evolução da Praia do Futuro é uma coisa marcante. Eu não sou daqui, eu sou de São Paulo. Pelo que me consta

7 Entrevista a mim concedida pelo gerente comercial da CrocoBeach, em 10/04/2010.

a Praia do Futuro até trinta anos atrás era deserta. Ela não era utilizada pro turismo, né? Tem alguns percussores dessa onda de barraca de praia, de se voltar pro turismo...o “Chico do Caranguejo”, “O Mendes”. Um pouquinho depois a barraca “Subindo ao Céu”. Isso na Praia do Futuro ‘nova’. Desse lado aqui, na ‘nova’, algumas barracas começaram a despontar mais na década de 1980 em diante. Esse lado aqui que é considerado a parte ‘nova’. As antigas eram ‘O Casarão’, ‘A Igrejinha’, depois foi anexada à CrocoBeach. Esse lado aqui começou com essas barracas. Essa configuração atual de barracas de praia, de modelo atual voltado pro serviço, incrementando estrutura, tentando dar um sentido turístico começou de fato de 1999 pra frente. Antes as barracas de praia tinha um chuveirinho, tinha os banheiros, que eram precários. O que é que se buscava? Pegar aquelas pessoas que vinham pra praia, dar a elas uma cadeira, uma mesa pra comer um peixinho, um caranguejo, beber uma cervejinha (...) Não tinha um espírito ‘marketeiro’. Era tudo voltado pra subsistência. ‘Eu tenho uma barraquinha aqui. Tenho cinco funcionários. Vou ganhar meu dinheirinho. Invisto uma graninha aqui’ (...) Não tinha ainda proprietários europeus. Algumas barracas começaram a ser percussoras. É o caso do ‘Subindo ao Céu’. Era de um fortalezense aí foi comprada por dois italianos. E começaram a explorar elas. A partir daí ela começou a despontar. Mas não era bem arrumada. Eles não se preocupavam muito com alinhamento dos quiosques. E também nessa época o Patrimônio da União não batia em cima porque não havia muita coisa. Aí quando se começou a pensar na Praia do Futuro como uma ferramenta de turismo, começou-se a dar uma forma mais turística a ela.

Entre as barracas-complexos essa forma turística foi assumida mais diretamente pela CrocoBeach. Segundo Heitor, na Praia do Futuro, o complexo alcançou certa posição no interior do espaço das barracas de praia em razão dos serviços e traços de estilização que passou a investir na barraca. Alguns traços dessa diferenciação podem ser inferidos de suas classificações sobre essa barraca vanguardista.

O que diferencia a CrocoBeach das demais barracas, primeiramente, é cabeça do dono. Qualquer barraca

hoje se tivesse a mesma estrutura da CrocoBeach ou algo parecido, voltado pro atendimento ao cliente, tentando imaginar o que o cliente tá pensando, qualquer barraca teria sucesso. Eu diria que a CrocoBeach faz o sucesso que faz porque ela anda sozinha. Pronto! Ela é vanguardista. A CrocoBeach é vanguardista. Por quê? É a primeira barraca que colocou um complexo de lojas. É a primeira barraca que colocou um salão de beleza. É a primeira barraca que transformou uma piscina em algo que realmente fizesse a diferença. A primeira barraca que mudou a configuração do espaço e tentou transformar esse espaço num espaço vip na praia, sem mexer no preço. A primeira barraca que mudou a configuração dos quiosques. É a primeira barraca que realmente investiu em coqueiros na praia. Então, por tudo isso a CrocoBeach acaba sendo vanguardista. O que diferencia ela de todas as barracas é justamente o poder que ela tem de ir se transformando.

## Considerações Finais

Esse artigo buscou analisar os traços de redefinição dos usos emprestados pelos complexos de lazer à Praia do Futuro, associados por empresários, moradores e visitantes como os espaços mais representativos da “praia mais badalada da cidade”. As redefinições que as barracas-complexos imprimem aos usos do lazer da Praia do Futuro parecem revelar mudanças significativas acerca do planejamento público e privado de praias em curso no Brasil. Conforme Ferreira Paula (2005), é comum nas propostas de planejamento de praias no Brasil definir pelo menos três zonas, cada qual possuindo uma funcionalidade objetiva: uma zona ativa (dedicada ao banho e aos esportes), uma zona de descanso (onde há presença de guarda-sóis e cadeiras) e uma zona de reserva, onde constam vestiários e restaurantes normalmente localizados em uma avenida à beira-mar ou no calçadão, quando esse existe. É o caso da famosa Copacabana e sua Avenida Atlântica.

Ao se observar, comparativamente, os usos do lazer organizados pelas principais barracas-complexos (Biruta e CrocoBeach), aquelas zonas funcionais combinam-se e se misturam no interior da barraca, tornando-se difícil estabelecer limites em que cada uma delas tem início ou fim. Esse aspecto de liminaridade espacial entre barraca e praia parece reproduzir muitas das características mais marcantes dos novos espaços de usos liminares da sociedade contemporânea.

Como visto, pelo fato de estar associado ao consumo, o lazer normalmente é desqualificado para pensar processos mais concretos relacionadas às regras de cidadania e à experiência do espaço público. Nas perspectivas teóricas que assim procedem, o lazer é tomado como “uma fuga do cotidiano” (URRY, 2001), este entendido aqui duplamente como *lugar da produção* (trabalho) e da *residência*, além de *fuga* das responsabilidades políticas (cidadania) associadas a essa localização socioespacial, aspectos centrais por meio dos quais a cidadania e o espaço público foram concebidos na modernidade e mediante os quais o lazer é contrastado.

A constante capacidade de transformação dos espaços de lazer, como demonstra o caso da Praia do Futuro, que a idéia de liminaridade acentua, se assemelha à proposta analítica de Certeau (2003). Para ele, a pretensão de estabilidade e fixidez que o planejamento urbano almeja para a cidade logo se desfaz, quando observamos os “modos de uso” dos seus espaços durante as “práticas cotidianas”. Este “cotidiano”, mais que fugidio, é significado pelas apropriações que os mais variados usuários realizam, com vistas a demarcar um “percurso”, maneiras particulares de usar a “ordem imposta” ao espaço. Os espaços de lazer da Praia do Futuro parecem comportar assim tanto a dimensão da “ordem” quanto da liminaridade e as possibilidades de usos diferenciados e contrastantes (LEITE, 2001).

Artigo

Recebido: 14/04/2012

Aprovado: 16/05/2012

**Keywords:** uses, liminality, seaside entertainment, Praia do Futuro.

**ABSTRACT:** This work analyses the redefinitions of uses of Praia do Futuro in charge of the new spaces of seaside entertainment located in the beach stretch of east coastline of the city of Fortaleza. On the one hand, it is argued that, similar to other formats of urban spaces that proliferate in contemporary society, the beach huts accentuate aspects of liminality between public and private experiences associated to leisure. On the other hand, more than just places of hedonism, enjoyment or ‘escape from everyday life’ (URRY, 2001) the tents can be seen as a stage where the consumption of certain symbolic possessions expresses conflicts of uses around the socio-spatial ordering. Two of these complexes tents exemplify very well the times when the Beach is more redefined ; Biruta tent in the days of shows and events and Crocobeach complex during ‘Sunday on the beach’. Besides being the most sought, it is about them, the complexes of tents that fall the great part of symbolic disputes about the redefinition of the beach as a public property.

## Referências

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. Urbanismo em fim de linha e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica. 2ª. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

ARANTES NETO, Antonio Augusto. Paisagens paulistanas: transformações do espaço público. Campinas-SP; Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. Confiança e medo na cidade. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2009.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. 2. ed. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2003.

CANCLINI, Nestor García. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 9. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

COSTA, Maria Clélia Lustosa da. Cidade 2000: expansão urbana e segregação espacial em Fortaleza. São Paulo: Universidade de São Paulo/Departamento de Geografia, Dissertação de Mestrado, 1988.

ELIAS, Norbert. Sobre o tempo. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1998.

FEATHERSTONE, Mike. Cultura de consumo e pós-modernismo. São Paulo: Studio Nobel, 2007.

FERREIRA DE PAULA, Glairton. As barracas da Praia do Futuro e sua relevância como atrativo diferencial para o turismo de Fortaleza. 63p. Monografia (2005). Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET-Ce.

GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Edusp, 1991.

GONDIM, Linda Maria de Pontes. O Dragão do Mar e a Fortaleza pós-moderna: cultura, patrimônio e imagem da cidade. São Paulo: Annablume, 2007.

HARVEY, David. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 13<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LEITE, Rogério Proença de Sousa. Espaço público e política dos lugares: usos do patrimônio cultural na reinvenção contemporânea do Recife Antigo. Campinas-SP: [s.n], 2001.

MACIEL, Wellington. O Aeroporto e a Cidade: usos e significados do espaço urbano na Fortaleza turística. Fortaleza: EdUECE, 2010.

URRY, John. O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual” In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 7ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

Zukin, Sharon. “Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder” In: ARANTES, A. (Org). O espaço da diferença. Campinas-SP: Papirus, 2000, p.80-103.